

Daniela Frias Guerra

Antes os Astros

Cesariny recomenda-nos que amemos como a estrada começa -
sempre achei isso absurdo.
Se eu amasse por recomendação, acreditava em deus
e não fazia a minha felicidade
depender do anticiclone dos Açores.
Quando estou na fila do pão,
penso muitas vezes que no céu
só se fará fila por milagres,
enquanto, sob esta camada opressiva
de nuvens, deixamo-nos contentar
com as festas da Agonia.
Habitua-mo-nos a celebrar a cova
que preparámos com um ancinho,
a resiliência uma herança antibiótica
dos sucessivos confrontos com o pânico. Deuses não – por economia de razão,
antes os astros,
que ao menos posso seguir-lhes a trajetória, dar controlo à ansiedade, floresta
autóctone. É inverno e sabemos que tudo inunda,
a única preparação foi ter visto num telejornal como se sai de um agueiro,
senti no mar uma emboscada
e na minha natação um habeas corpus,
salvamento garantido pelo jornal da uma,
o meu corpo nadando lateralmente,
paralelo à costa e no sentido da corrente,
até estar livre. No verão não se está sempre livre?
Mesmo dentro do agueiro? Mesmo na Agonia?
Tenho um fraquinho pelo verão, mesmo que tudo arda.
A minha avó dizia que o que arde cura,
nunca ouvi nada sobre o que inunda.
A minha avó levava um morto ao pescoço, como tantas mulheres neste país,
soterradas na instituição
conservadora que é uma casa, e

nem assim deixava a porta no trinco.
Mas ela nunca negou os dentes ao risível,
já eu não sei se às vezes lhe rosno.
Dá-me raiva que as pessoas se aproveitem
da esperança como se fosse uma bóia,
chegam ao abismo e atiram-se,
fileiras de gente, convencidas que aterrorarão,
e eu revendo o Juramento de Hipócrates para dentro, querendo muito saber se devo
ir de pés ou de cabeça,
como é que se voa?
Lembrei-me das instruções em caso de emergência,
os dois dedinhos da hospedeira de bordo a apontar para trás, the nearest exit may
be behind you
e recuei.
Tenho esperança só na raiva, é o que motiva abaixo-assinados
e forma eleitores combativos de toda esta solidão,
tentando a extinção do incêndio de sexta geração
que assola o encosto deste país há décadas.
Cesariny, não há absolutamente ninguém
que tenha visto o início de nada,
já em relação ao final, podemos ter a ilusão do domínio.
Por isso, eu gostava de apresentar ao governo, não me levem a mal, uma proposta
de deserção.
Desculpe, tem como começar de novo?